

CADERNOS DE PSIQUIATRIA SOCIAL E CULTURAL

0

MANUEL JOÃO QUARTILHO (COORD.)

HELDER ALMEIDA

ISABEL FAZENDA

ISABEL GIL

LINDA FERNANDES

MARIA DE FÁTIMA SOUSA

NUNO CARRILHO

RITA ALCAIRE

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

PREFÁCIO

Como o nome indica, o número 0 dos “Cadernos de Psiquiatria Social e Cultural” não pretende ser um texto de referência, mas sim uma apresentação dos resultados dos trabalhos de investigação levados a cabo aquando do I Mestrado em Psiquiatria Cultural da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.

Pretende, ao mesmo tempo e não com somenos importância, chamar a atenção para esta área do pensamento psiquiátrico deveras negligenciado nos tempos atuais, vilipendiado por uns e mal glosado por outros.

A atenção acrítica dada às vertentes biomédicas, farmacológicas e psicológicas, numa perspetiva de isolamento do indivíduo da sua experiência social e cultural, tem contribuído para a progressiva ausência de reflexão sobre a prática psiquiátrica e os seus fundamentos ontológico e epistemológico.

Acresce que este tipo de intervenção e de reflexão é raro em Portugal e as publicações especializadas escassas ou mesmo inexistentes, pelo que só por si estes “Cadernos” merecem ser publicados.

Para além de uma Introdução, este número 0 dos “Cadernos” coleta 8 artigos, de importância um pouco desigual, mas quase todos inovadores e de interesse indiscutível; realço desde já a sua correção metodológica.

O primeiro artigo, da autoria do Coordenador dos “Cadernos” e Diretor do Mestrado, é exemplar pelo que tem de apresentação da especificidade do tema, da problemática inerente à sua presença / ausência no pensamento e na prática da Psiquiatria atual, e da denúncia alerta para as consequências da sua negligência não só na saúde e na doença mental, mas também na reflexão crítica que permita repensar a posição científico-humanista da Psiquiatria, sua praxeologia e investigação. Ou seja, define com pormenor e rigor o conteúdo dos “Cadernos”, seus objetivos, perspetiva e importância.

Aborda em primeiro lugar a noção de *biological embedding*, ultrapassando logo o reducionismo “metodológico, ontológico e epistemológico” atual que a biologia molecular tanto tem ajudado a desenvolver, e apresenta o exemplo da epigenética como uma possibilidade de compreensão da natureza da dialética *nature-nurture* que rege o desenvolvimento e a constituição da pessoa e do seu organismo.

Aproveita ainda para chamar a atenção para a não neutralidade e não despersonalização dos paradigmas da ciência, expondo-os como emergentes “de comunidades de cientistas que trabalham coletivamente, com um *estilo de pensamento* particular, num tempo e período histórico determinados”.

Refere-se em seguida às determinantes sociais e culturais da saúde, para questionar a epidemiologia contemporânea biomédica que reduz a doença ao indivíduo, suas disfunções ou estilos de vida, assim o responsabilizando pela sua saúde e desresponsabilizando o meio social, cultural e político.

Termina dedicando um capítulo à adversidade, tema atual e “facto sólido” da Epidemiologia social, apresentando os estudos existentes, conhecidos mas porventura silenciados.

Um segundo artigo, da autoria de Nuno Carrilho, descreve a “observação participante” da complexidade da prática científica. Acompanhando a investigação realizada por um colega seu, interno de

Psiquiatria, conclui pela existência de vários “atuantes sociais”, uns visíveis e outros escamoteados, que teriam o intuito de responder às necessidades não só do investigador, mas também dos ditos “atuantes sociais”.

Os atuantes sociais pertencem a um sistema cultural que tem “regras, crenças, práticas e significados” que lhe são próprias. A ciência é no artigo revelada como um sistema cultural específico que tem por falsa crença a “despersonalização da ciência” ou seja a sua não historicidade e sua não pertença a uma comunidade cultural que lhe define métodos, perspectivas e limites.

A aplicação deste estudo à Psiquiatria é pois um contributo que tem tanto de importante como de raro na literatura existente.

Um outro artigo, da autoria de Isabel Fazenda aborda a temática do papel das Representações Sociais no agir preventivo e interventivo dos profissionais de saúde, no caso dos médicos e enfermeiros dos Cuidados de Saúde Primários, perante a problemática do abuso sexual de crianças.

Os profissionais de saúde, na sua prática quotidiana não de esquivam a ser portadores de representações sociais, que elaboram não só enquanto profissionais mas também como indivíduos de uma comunidade onde “realidade e discurso se constroem recursivamente”, num tempo histórico e num espaço contextual determinados social e culturalmente.

Estas representações sociais (que fazem parte do próprio fenómeno que representam) terão necessariamente influência no ato clínico, na maior ou menor legitimação do abuso sexual e na avaliação dos fatores facilitadores, de manutenção e de resolução do mesmo.

Compreender o papel das Representações Sociais pode “fazer a diferença” e contrariar os “discursos deturpados e estereotipados, disfarçados de linguagem científica, que potenciam a invisibilidade e a impunidade do fenómeno”.

No mesmo sentido, o artigo de Isabel Gil debruça-se sobre a problemática do estigma social e cultural (e logo, do autoestigma) das perturbações mentais, estudando as razões para a sua existência e elencando estratégias para a mudança da atitude prática e mental e das crenças que no estigma se traduzem.

Recorre a uma população de alunos de Enfermagem e avalia o papel modificador da perceção do estigma do ensino clínico de Enfermagem em Saúde Mental.

Um outro artigo, da autoria da antropóloga Rita Alcaire oferece uma outra abordagem digna de referência. Rita Alcaire, assumindo que “os valores próprios de uma sociedade são reformulados e transmitidos pelos *media*”, isto é, que “os *media* são “meios que espelham a sociedade mas (que) também a moldam”, recorre a uma metodologia de estudo dos *mass media*, enquanto “poderosos mediadores da experiência e da realidade cultural” que incrustam o biológico, participam na construção da identidade e são causa distante de vulnerabilidade ou resiliência ao sofrimento mental.

O exemplo escolhido, o do estudo da forma como cinema e televisão fazem referência à masturbação, é elucidativo da pertinência heurística do método; espera-se que o mesmo possa ser usado em temas mais diretamente relacionados com a Psiquiatria e a clínica psiquiátrica.

Este conjunto de textos, pela pertinência e raridade do seu conteúdo, pela qualidade dos trabalhos em que se baseiam e pela importância do seu potencial contributo para a recentração crítica da

prática e da investigação psiquiátrica, merecem leitura atenta e reflexão crítica por todos os que se interessem pela dimensão social e cultural da ciência e da arte médica e sobretudo pelos profissionais que estudam e trabalham na Saúde Mental.

O coordenador deste “Cadernos”, senhor de uma inteligência e de uma formação cultural sólidas, mantém nele a honestidade e a fidelidade ao seu pensamento que lhe reconheço e que bem traduz a sua postura singular, académica e profissional.

Porto, 17 de Dezembro de 2014

Rui Mota Cardoso